

## Descrição da obra “Sem Título” de Ugo Vêa

### RESUMO

**Leander Cordeiro Oliveira**

E-mail:

[leanderdeoliveira@gmail.com](mailto:leanderdeoliveira@gmail.com)

Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Tácio Hugo Gouveia Costa**

E-mail:

[gouveatacio@gmail.com](mailto:gouveatacio@gmail.com)

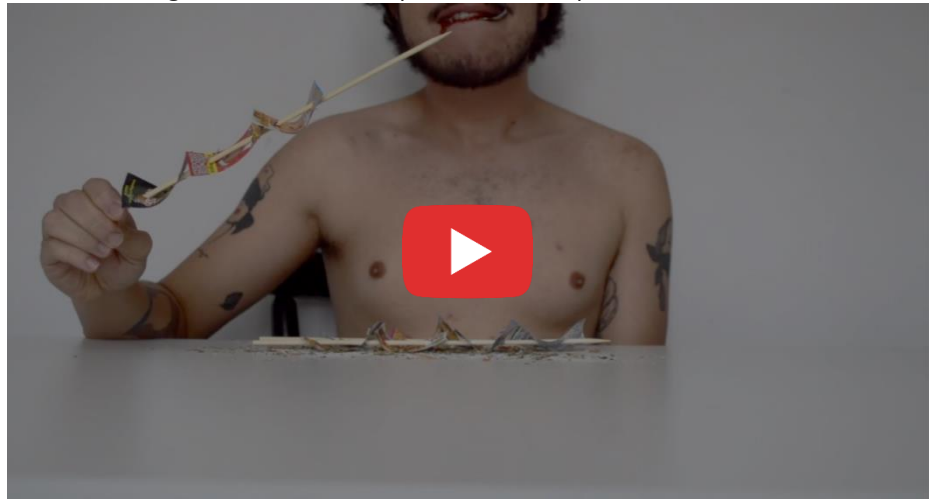
Pesquisador independente

A obra “Sem Título” de Ugo Vêa tem o intuito de discutir a relação que as prostitutas do centro da cidade de Curitiba constroem com o espaço urbano e seus artefatos. Mais especificamente são abordados os cartões de visitas que estão espalhados pelos orelhões da cidade em uma relação de apropriação e resignificação de artefatos como forma de articular os trabalhos, corpos e, conseqüentemente, as existências destas mulheres. São discutidos, por meio de uma instalação constituída de uma videoperformance e de uma colagem, o consumo, a exploração, as negações de afeto e as relações que mantém estas mulheres sob espectros de invisibilização, precariedade e abjeção, mesmo que estejam constantemente expostas pelas ruas da cidade. A construção da obra desvelou a existência de redes de apoio/exploração destas mulheres, além de uma forte relação de apropriação destas sobre o espaço urbano na articulação de seus próprios corpos enquanto tecnologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias. Orelhões. Corpo. Abjeção. Videoperformance.

## VIDEOPERFORMANCE E COLAGEM

Figura 1. Print da videoperformance disponível no Youtube



Fonte: Dados da pesquisa- Elaboração dos autores

Figura 2. Colagem com os cartões de visita



Fonte: Dados da pesquisa- Elaboração dos autores

## DESCRIÇÃO DA OBRA

Ao transitar pela cidade nosso olhar se movimenta constantemente pelo empilhado de informações. São tantas vitrines, cartazes, vozes, músicas, conversas. Continuamente desviamos de postes, de pessoas, de canteiros que a um olhar mais atento mostram detalhes que chamam a atenção. No entremeio destas circulações é possível perceber o desvelar de relações e a construção constante de significados que se dão nos trejeitos, nas escolhas de vestimentas, na significação das cores, materiais, formatos e, também, no uso dos espaços.

É comum ao nos movimentarmos pelos centros urbanos observarmos artefatos em constante uso. Bancos, postes, lixeiras misturadas a lojas e a circulação das pessoas são articulados em uma brincadeira de mostrar e esconder, jogos pelos quais as pessoas articulam suas vidas, trabalhos e interesses específicos. Grafites, lambes, adesivos, pichações, panfletos são alguns dos materiais e das linguagens usadas em um processo cotidiano de significação.

A cidade pode ser entendida como um espaço de constante intervenção quando pensamos sobre quem passa por estes espaços e, por alguma razão, tenta deixar suas marcas<sup>1</sup>. Isto fica bastante claro quando observamos os chamados orelhões, telefones públicos distribuídos nos espaços das cidades, e as intervenções feitas nestes artefatos, que passam a ser usados também como vitrines de corpos e serviços de sexo. Foi com um olhar mais atento para este artefato e as intervenções que acontecem nele que se iniciou o processo de construção desta obra. Os cartões de visita<sup>2</sup> e panfletos de prostitutas arranjados lado a lado são comuns em telefones públicos de algumas cidades do Brasil<sup>3</sup> e há algum tempo nos chamam a atenção pelo centro de Curitiba.

Não somente estes papéis colocados neste artefato, mas também as pichações e marcações a caneta com os contatos são articulações destas pessoas para divulgar seus trabalhos e articular suas existências. Ao discutirmos essa articulação de existências, remetemos a ideia de que ao construir a concretude de intervenções e artefatos estamos também articulando nossas histórias, pautas, desejos, reflexões, pensamentos, trabalhos, enfim, todas as coisas que nos fazem sujeitos no mundo. Falamos aqui também de uma construção tecnológica do espaço urbano, mas que passa ainda pelas identidades de cada uma destas pessoas (Figura 3).

Figura 3. Cartões de visita organizados nos orelhões



Fonte: Dados da pesquisa- Elaboração dos autores

Construindo uma apropriação constante de um mobiliário urbano, estes cartões de visita são espalhados pela cidade, fazendo dos antigos orelhões vitrines de serviços de sexo e, com efeito, das vivências dissidentes que tornam estes serviços possíveis, desvelando, sob uma leitura *queer* destes encontros, existências marcadas pela precariedade e abjeção (BUTLER, 2007, 2009). Desejo, medo, vergonha, prazer, asco são apenas alguns dos sentimentos tramados pelos tabus que estes cartões nos fazem lembrar. Pensando nestes processos que articulam prazeres e exploração, construímos esta obra para ser uma instalação, composta

de uma videoperformance (acesso no link<sup>4</sup>) acompanhada de uma colagem (Figura 2).

O prazer que se inicia com o processo de busca por parte dos/das interessados/as, segue com o preparo e cuidado (o início - o contato e a contratação do serviço), passa pelo deleite (o durante - a efetivação do serviço) e termina como arrependimento, vergonha ou até mesmo asco (o após - o anonimato, o esquecimento, a negação) é o caminho percorrido para construir uma analogia com o preparo e o consumo de um churrasco feito a partir destes cartões de visita. Essa analogia é a forma de refletir sobre atividades que se escondem no consumo cotidiano destes corpos — tanto no caso dos animais, como ocorre nos churrascos, quanto de pessoas, como no caso da prostituição.

Pensamos aqui no consumo enquanto exploração e abuso destes corpos, que inscritos sob uma perspectiva de vivência abjeta, têm diminuídos seus processos de decisão e escolha e aumentado consideravelmente as situações de violência e abjeção.

Buscamos reforçar essa analogia com a colagem que integra a instalação, trazendo uma nova camada que remete às desvalorizações e aos abusos da profissão. A colagem é composta dos cartões de visita coletados nos orelhões e, sobre eles, recortes de etiquetas de preços de encartes de mercados e açougues da cidade, como analogia para a exposição e o consumo destes corpos (Figura 2).

A base para o processo de reflexão sobre o que a obra pretendia discutir e a partir de que materiais, se deu com o início da coleta dos cartões de visitas no segundo semestre do ano de 2017. Inicialmente algumas ligações foram feitas para os telefones que constavam nos materiais com o intuito de falar diretamente com as mulheres<sup>5</sup> que estavam nos cartões, mas percebemos a existência de centrais. Não foi possível fazer contato com nenhuma delas. A existência desta rede nos permitiu notar a existência de mecanismos articulados que dão suporte e/ou até mesmo exploram estas mulheres dentro da realidade da prostituição. Uma pesquisa mais aprofundada neste sentido é necessária para compreender quais as tramas estão por trás das relações entre estas prostitutas e os centralizadores de seus trabalhos<sup>6</sup>.

Diante da dificuldade deste contato, a obra foi consolidada a partir da videoperformance, com uma edição mais crua em relação a captação de vídeo e áudio (Figura 4). A direção tomada para a captação da performance foi em dois planos, organizada para trazer elementos mínimos de plano de fundo e cenário no sentido de manter foco justamente no processo de manipulação e preparo dos materiais e do posterior ato de alimentar-se destes. Tudo se desenrola naturalmente, sendo que a maneira como a cena evolui não foi previamente preparada ou pensada, processo este pelo qual o artista explora a performance pelas lentes da arte contemporânea<sup>7</sup>, explorando seu corpo na espontaneidade.

Os significados vão tomando forma justamente a partir das maneiras pelas quais o corpo do artista, suporte para a obra, reage ao ato da performance e revelam situações interessantes para a conceitualização da obra. Inicialmente, a busca sobre o tema ocorreu de maneira livremente exploratória, por meio da relação entre artista e o espaço urbano, da pesquisa e conseqüentemente buscando compreender e refletir sobre a relação das prostitutas com os artefatos do espaço urbano. O processo de pesquisa revela a existência de tramas mais profundas na relação destas mulheres com a cidade que exhibe/esconde essas

peças. A valoração que a obra traz sobre estas questões, enquanto proteção ou violência, se mostra por meio de como a videoperformance se desenvolve na reação do corpo do próprio artista à performance.

Figura 4. A captação da videoperformance

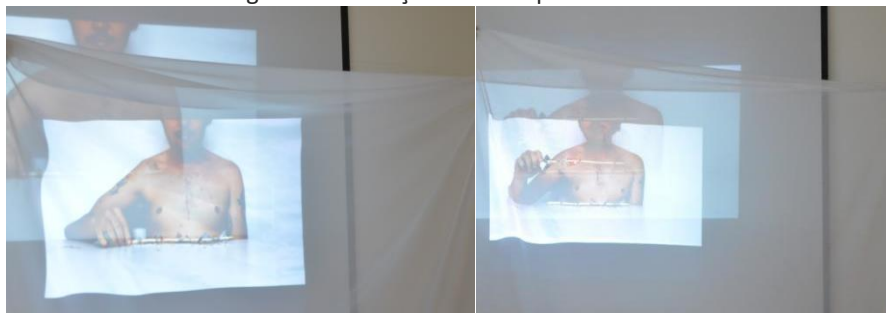


Fonte: Dados da pesquisa- Elaboração dos autores

Como forma de alcançar sentimentos como prazer, vergonha, asco e desconforto com relação a negação dos afetos que a sociedade guarda por estes corpos, a performance invoca tais sentimentos através do ato de alimentar-se destes cartões, em analogia ao ato de comer a carne de um churrasco. Com efeito, pretende-se tocar tabus fortemente presentes em nossa sociedade, bem como a relação de exploração e violência destes corpos. Aproxima-se aqui ainda a seriedade pela qual a temática precisaria ser encarada enquanto uma questão de Direitos Humanos e que acaba sendo deixada de lado aos olhos do moralismo e do conservadorismo<sup>8</sup>.

O fato de ser uma instalação traz a possibilidade de adicionar elementos para que a poética se desenrole de diferentes maneiras, como trazido anteriormente com a colagem. Também foi pensado, como forma de exibir a videoperformance, a utilização de tecidos leves e transparentes (Figura 5).

Figura 5. A exibição da videoperformance



Fonte: Dados da pesquisa- Elaboração dos autores

Uma maneira tão “angelical” e “leve” de exibir uma videoperformance direta, que incomoda, que traz, no seu desvelar, nojo e asco se mostrou uma maneira

para discutir as formas como estes processos estão espalhados aos olhos de quem se movimenta pela cidade. Todos poderiam ver, refletir, se deparar com a situação, enfrentá-la com a devida seriedade que exige, mas as escolhas de tratá-la pela marginalidade e pelo apagamento lembram as hierarquizações sociais e as posições nas quais estas mulheres são constantemente colocadas. Escondidas por uma camada transparente de moralidade e hipocrisia. Pessoas invisibilizadas, escondidas à luz do dia, mas exploradas e abusadas ao escurecer. Aos olhos de quem passa, mas que poucos escolhem prestar atenção.

A articulação das tecnologias que se dá na relação destas mulheres com seus corpos é um ponto de interessante reflexão (PRECIADO, 2014). Seus corpos são articulados cotidianamente como ferramentas de trabalho e de relação com o mundo, colocados em uma perspectiva de possível acesso ao outro que o busca. Estes corpos são escondidos ou exibidos, até mesmo manipulados, conforme estratégias articuladas por estas mulheres e, também, pelas redes que se ligam a elas, revelam relações que em algumas situações podem ultrapassar seus próprios desejos. Da mesma forma também revelam os cuidados, a manipulação estética e a exibição de partes que aguçam os imaginários.

A maneira como as relações com o espaço público foram observadas por meio do processo de pesquisa para a obra traz inquietações sobre como estas pessoas escolhem tecnologias que caem no esquecimento com o passar dos anos, quase que virando descarte<sup>9</sup>. É algo que também mostra o uso de uma construção tecnológica estratégica para a divulgação de seus trabalhos. Antigos orelhões em estado de esquecimento se tornam vitrines para seus corpos. Corpos estes que são atravessados pelas articulações destas mulheres para o seu trabalho, uma vez que são percebidos também enquanto tecnologias para agir no mundo.

Estariam estas tecnologias sendo articuladas enquanto maneiras de subverter lógicas de invisibilização e precariedade? Em algum nível sim. Ainda que a divulgação de seus trabalhos seja a maior intencionalidade nesta apropriação, estes cartões trazem desconforto ao cotidiano de quem os observa com as lentes da abjeção, espaços nos quais estas profissionais são constantemente colocadas nos imaginários sociais. As existências destas mulheres, e junto disso todas as suas cargas, são colocadas frente aos transeuntes. E isso é algo que se dá em sua relação com o corpo, com o gênero, com as tecnologias, com a cidade, com a sociedade. São formas de trazer seus trabalhos, seus processos e os assuntos ligados a eles para à tona, aos olhos de quem passa e que, de alguma forma, pode vir a se relacionar.

### **Agradecimento**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Description of the artwork “Sem Título” by Ugo Vêa

### ABSTRACT

The artwork “Sem Título” by Ugo Vêa aims to discuss the relationship that prostitutes in Curitiba’s downtown construct with the urban space and its artifacts. More specifically, the visiting cards spread around the city’s payphones are approached in a relationship of appropriation and reframing of artifacts as a way to articulate work, bodies and, consequently, the existence of these women. Through an installation consisting of a videoperformance and a collage we discuss the consumption, exploitation, affection denials and the relationships that keep these women under invisibility, precariousness and abjection, even though they are constantly exposed on the streets. The construction of this artwork revealed the existence of support/exploitation networks for these women, in addition to a strong relationship of appropriation they do over urban space in the articulation of their own bodies as technologies.

**KEYWORDS:** Technology. Payphones. Body. Abjection. Videoperformance.

## Descripción de la obra “Sem Título” de Ugo Vêa

### RESUMEN

La obra "Sem Título" de Ugo Vêa tiene como objetivo discutir la relación que las prostitutas en el centro de la ciudad de Curitiba construyen con el espacio urbano y sus artefactos. Más específicamente, las tarjetas de presentación que se encuentran dispersas por los teléfonos públicos de la ciudad articulan una relación de apropiación y replanteamiento de artefactos como una forma de articular el trabajo, los cuerpos y, en consecuencia, la existencia de estas mujeres. A través de una instalación constituida por un videoperformance y un collage, se discute el consumo, la explotación, la negación del afecto y las relaciones que mantienen a estas mujeres bajo especulaciones de invisibilidad, precariedad y abyección, a pesar de que están constantemente expuestas en las calles de la ciudad. La construcción del trabajo reveló la existencia de redes de apoyo/explotación para estas mujeres, además de una fuerte relación de apropiación de estas sobre el espacio urbano en la articulación de sus propios cuerpos como tecnologías.

**PALABRAS CLAVE:** Tecnología. Teléfonos Públicos. Cuerpo. Abyección. Videoperformance.

## NOTAS

<sup>1</sup> O estudo de Mateus Villela de Lima (2013) traz discussões sobre a intervenção urbana enquanto uma lógica que escapa dos caminhos de mercantilização das cidades e constrói um processo de apropriação contra-hegemônica como forma de questionar quem tem direito ao uso e a interferência neste espaço.

<sup>2</sup> Usa-se no decorrer do texto o termo “cartões de visita” como forma de tensionar o imaginário sobre o trabalho destas mulheres, reconhecendo-o enquanto uma prestação de serviços. A pesquisa de Lucas Bueno de Freitas e Lindamir Salete Casagrande (2011) traz algumas discussões em relação a estes cartões/panfletos enquanto processo de marketing.

<sup>3</sup> Existem tensões do poder público em relação aos cartões de visitas e panfletos de prostitutas em orelhões. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, o Ministério Público exigiu da empresa telefônica responsável a retirada dos materiais. Mais pode ser visto em <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2014/08/11/mp-cobrada-oi-retirada-de-anuncios-de-mulheres-nuas-em-orelhoes-do-rio.htm>>

<sup>4</sup> A videoperformance pode ser vista no link <<https://youtu.be/IVu9ddO5WWk>>

<sup>5</sup> Usa-se o termo mulheres, mas compreende-se também a existência de mulheres transexuais e travestis trabalhando com prostituição. Uma vez que os cartões de visita não deixam isso claro, preferiu-se manter o termo mulheres no decorrer do texto, mas compreendendo essa amplitude de significados sobre a categoria mulher.

<sup>6</sup> O trabalho de FREITAS E CASAGRANDE (2011) aponta algumas questões em relação às redes que estão no entorno dos serviços de prostituição no centro da cidade de Curitiba. O estudo de Rafael da Silva Tangerina (2017) aprofunda as análises geográficas sobre a prostituição na região central da cidade de Curitiba, explorando as espacialidades e relações socioterritoriais que se desenrolam entre mulheres, transsexuais e homens que trabalham com sexo.

<sup>7</sup> As relações da performance com a arte contemporânea são exploradas na discussão de Yiftah Peled (2012). Já a videoperformance, suas limitações e atritos, é discutida por Willoughby Sharp (2013).

<sup>8</sup> Em declaração recente, a Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil abordou a situação da exploração sexual infantil na ilha do Marajó, no estado do Pará, insinuando que o fato de as crianças e jovens serem exploradas sexualmente na região se daria por não usarem roupas íntimas. Mais pode ser visto em: <<https://www.metro1.com.br/noticias/politica/77344,damares-propoe-fabrica-de-calcinhas-na-ilha-do-marajo-para-combater-abusos-infantis-veja>>

<sup>9</sup> As empresas de telefonia não têm mais investido nestes aparelhos já há algum tempo, o que faz com que comecem ser retirados do espaço urbano. Muitos dos que permanecem, apresentam defeitos que os inutilizam para a finalidade de telefonemas. Mais pode ser visto em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/17/orelhoes-somem-das-ruas-em-todo-o-pais-e-os-que-restam-nao-funcionam.ghtml>>



## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: Louro, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 153-172.

BUTLER, Judith. *Performatividad, Preccariedad y Políticas Sexuales*. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madri, v.4, n.3, , p. 321-226, 2009. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/04v03/criticos/040301b.pdf>>. Acesso em: 10/09/2016.

FREITAS, Lucas Bueno de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. *Marketing da Prostituição em Curitiba: Panfletos em Telefones Públicos*. *IN: IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade*, 2011, Curitiba, **Anais...** Curitiba, Editora da UTFPR, 2011.

LIMA, Mateus Villela de. **Intervenção Urbana: Arte e Resistência no Espaço Público**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação/Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PELED, Yiftah. *Performance na contemporaneidade*. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 48-63, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202012000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202012000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 Mai 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-53202012000100005>.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrasexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições. 2014.

SHARP, Willoughby. *Videoperformance*. **Revista eRevista Performatus**, Inhumas, ano 1, n. 6, 2013. ISSN: 2316-8102.

TANGERINA, Rafael da Silva. **Por dentro da “Batalha”: Espacialidades e Relações Socioterritoriais da Prostituição de Rua no Centro de Curitiba (Pr)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

**Recebido:** 20/05/2020.

**Aprovado:** 04/06/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n43.12429.

**Como citar:** OLIVEIRA, Leander Cordeiro; COSTA, Tácio Hugo Gouveia. Descrição da Obra “Sem Título” de Ugo Vêa. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 220-228, jan./jun. 2021.. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Leander Cordeiro Oliveira**

Rua Desembargador Westphalen, 414, apto 04, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Direito autorial:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

